



Revista Estudos Feministas

ISSN: 0104-026X

ref@cfh.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina
Brasil

Miskolci, Richard

O vértice do triângulo: Dom Casmurro e as relações de gênero e sexualidade no fin-de-siècle
brasileiro

Revista Estudos Feministas, vol. 17, núm. 2, mayo-agosto, 2009, pp. 547-567

Universidade Federal de Santa Catarina
Santa Catarina, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38114362014>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

re&alyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Richard Miskolci

Universidade Federal de São Carlos

O vértice do triângulo: Dom Casmurro e as relações de gênero e sexualidade no *fin-de-siècle* brasileiro

Resumo: A partir de uma perspectiva teórica queer, o artigo explora as transformações nas relações de gênero e sexualidade na sociedade brasileira do final do século XIX. Associa à reconstituição histórica do período uma análise sociológica do triângulo amoroso de Dom Casmurro de maneira a fornecer elementos para uma compreensão não heteronormativa de nossa história. O foco na obra de Machado de Assis permite explorar o temor social e a recusa violenta da transgressão da ordem sexual da época por uma mulher supostamente adúltera e um homem enamorado e provável amante de sua esposa. O vértice do triângulo é sempre um/a outro/a e, por mais que o identifiquemos com uma personagem, ela é apenas o simulacro do que sua época e sociedade rejeitavam como desestabilizador da ordem vigente das relações amorosas e sexuais.

Palavras-chave: Dom Casmurro; triângulo amoroso; heterossexualidade compulsória; homofobia; heteronormatividade; Teoria Queer.

Copyright © 2009 by Revista
Estudos Feministas.

"Separamo-nos com muito afeto: ele, de dentro do ônibus, ainda me disse adeus, com a mão.
Conservei-me à porta, a ver se, ao longe, ainda olharia para trás, mas não olhou.

— Que amigo é esse tamanho? perguntou alguém de uma janela ao pé.
Não é preciso dizer que era Capitu."

Assis, 1992, cap. LXXI.

À primeira vista, *Dom Casmurro* (1900) parece um retrato intimista de um bacharel aposentado, Bento Santiago, que narra a história de sua vida, marcada pelo amor de juventude. Amor que muda os rumos do rapaz prometido ao sacerdócio, torna-o um *pater famílias*, mas também o precipita na tragédia de uma dupla traição: por Capitu, sua esposa, com seu melhor amigo, Escobar. Ao contrário do que parece, a análise desse triângulo amoroso permite

¹ Este artigo é o resultado preliminar de investigação conduzida dentro do projeto temático que coordeno há quatro anos na UFSCar. Versões anteriores do texto foram apresentadas no encontro da Brazilian Studies Association e no Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, ambos em 2006. A presente versão deriva de mais dois anos de pesquisa e, em especial, do estágio pós-doutoral financiado pela FAPESP no Department on Women's Studies da Universidade de Michigan, campus de Ann Arbor, sob a supervisão do sociólogo e historiador da sexualidade David Halperin. Agradeço a Larissa Pelúcio e aos demais colegas do Grupo de Pesquisa Corpo, Identidades e Subjetivações pelos debates instigantes.

² Raymundo FAORO, 1974.

³ Esta tradição se inicia com esta asserção de Augusto MAYER (1958, p.145): "O fato é que aos quatorze anos Capitu não acha mais graça em pular de corda, já começo a ensaiar o grande salto social, brinquedo muito sério. Pádua é vizinho de D. Glória. Mas entre uma casa e outra, medeia uma distância enorme, e o pulo de Capitu exige um treino rigoroso. [...] Respeitadas as proporções, Capitu também empreendeu a conquista das Gálias com as armas femininas de que dispõe nessa luta surda entre a ambição e os preconceitos sociais". Raymundo Faoro utiliza esse trecho como epígrafe de seu *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*, obra que influenciou todos os estudiosos posteriores.

⁴ Na História, há uma valorização crescente das questões de gênero e sexualidade. Neste último tópico, destacam-se as obras de James GREEN (2000) e Margareth RAGO (1991). Até em vertentes mais tradicionais, observa-se a adesão a perspectivas de gênero (ou sobre mulheres), ver Emilia Viotti da COSTA (2007). Nas ciências sociais brasileiras, no entanto, preponderam estudos de culturas sexuais, sem discussões mais amplas sobre a ordem social e sexual.

⁵ Peter FRY, 1982, p. 36.

compreender processos sociais amplos, em particular a emergência de uma nova ordem da sexualidade na sociedade brasileira de fins do XIX.

O título deste artigo¹ se inspira na longa tradição de estudos sobre a obra de Machado que utilizaram o triângulo como figura geométrica privilegiada para compreender a estrutura social, sua organização e injustiças. Raymundo Faoro, em *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*,² apresentou a centralidade do motivo da ascensão social das protagonistas dos romances machadianos, as quais tinham quase sempre o casamento como trapézio para escalar a pirâmide social.³ Roberto Schwarz, e mais recentemente Sidney Chalhoub, aprofundaram com mestria essa perspectiva analítica centrada nas classes.

Aqui, o triângulo não será compreendido como pirâmide social, antes como uma relação amorosa em que a base mantinha afastado e apartado o vértice: as identidades e relações invisibilizadas pela decadente ordem imperial assim como pela burguesia ascendente. O texto procurará mostrar como outras segregações se cruzavam com as econômicas e como estas, relativas à sexualidade e ao gênero, têm relação direta com a estrutura das relações de poder na sociedade brasileira da segunda metade do século XIX. De forma sintética, tentará responder a uma única questão: qual é a base e qual é o vértice inaceitável do triângulo amoroso mais famoso de nossa literatura oculta?

Dom Casmurro é um objeto privilegiado de investigação por retratar um momento crucial de transformação da sociedade brasileira. Em uma perspectiva sociológica informada pelos desdobramentos contemporâneos dos Estudos Culturais, encontramos elementos analíticos para explorar uma esfera das relações sociais que – se não foi completamente negligenciada – apenas recentemente teve reconhecida sua importância para compreender relações de poder e hierarquias de cunho não econômico.⁴

O foco em uma obra literária para um empreendimento sociológico se justifica, também, por se tratar de um romance social e documento de maior relevância devido ao período em que foi escrito. Sem um campo intelectual autônomo já constituído, a literatura do final do século XIX tinha papel diferente do que possui em nossos dias. É por meio das letras que podemos acessar um verdadeiro arquivo sobre questões e polêmicas da época, em especial as referentes ao mundo da vida privada. Há duas décadas, Peter Fry⁵ já observava a centralidade dos romances desse período para explorar "representações sobre a marginalidade social discordante [...] calcadas

numa tentativa de compreender a lógica interna destes 'outros' sociais". Segundo o antropólogo, as obras literárias daquela época permitem acessar tensões e ambiguidades da vida social pouco visíveis nos saberes oficiais. Assim, a literatura pode ser encarada como documento importante da vida privada de então, além de – ao menos em parte – ter algo em comum com as pretensões das ciências sociais contemporâneas ao expor a diversidade do mundo social que os saberes científicos tendiam a homogeneizar.

Na perspectiva dos Estudos Culturais, a valorização da literatura como fonte de pesquisa deve-se a uma inspiração gramsciana, mais especificamente, à atenção à experiência histórica dos subordinados que tendeu a ser apagada ou não reconhecida pelos saberes hegemônicos, mas que – frequentemente – foi retratada em romances. Daí a asserção de Edward W. Said em *Orientalismo*⁶ de que "é possível reconhecer e construir um arquivo internamente estruturado a partir da literatura que retrata e é parte de certas experiências históricas". Esse arquivo foi compreendido como fonte privilegiada para reconstituir histórias silenciadas como a de povos colonizados, mulheres, negros e homossexuais.⁷

Os Estudos Culturais britânicos foram profícuos nessa linha investigativa, mas, apesar de históricos, deixaram de problematizar a própria constituição social dos sujeitos da (e na) história. Joan W. Scott,⁸ sintonizada com discussões construtivistas dos que viriam mais tarde a ser chamados de Estudos Pós-Coloniais e Teoria Queer, fez uma crítica àquilo que poderíamos chamar de "história dos oprimidos". Sua proposta era a de que, em vez de tomar como evidente a experiência dos que perderam o jogo da história, poderíamos explorar quais foram as experiências que criaram esses sujeitos (mulheres, negros, gays, colonizados).

Scott encontrou inspiração crítica em um estudo similar ao que será esboçado aqui, mas muito mais ambicioso em espectro, *Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire*,⁹ obra da pesquisadora norte-americana Eve Kosofsky Sedgwick que marcou a criação da Teoria Queer. Ao analisar romances do século XIX centrados em triângulos amorosos, Sedgwick apresentou historicamente a formação da nova ordem da sexualidade que marcou a consolidação do aburguesamento inglês, explicitando como emergiram as formas contemporâneas do ser mulher, homem, hetero ou homossexual.¹⁰

O caso brasileiro permanece uma incógnita, e a resposta à questão que guia este artigo exige explorar como se deu aqui a emergência da "sexualidade", ou seja, daquele dispositivo histórico do poder descrito por Michel Foucault como característico da nova ordem social do

⁶ Edward SAID, 1978, p. 58.

⁷ Para uma crítica à forma como os Estudos Culturais britânicos clássicos (como os de Thompson e Williams) utilizaram a evidência da experiência dos subordinados para justificar o empreendimento científico, consulte Joan SCOTT (1998).

⁸ SCOTT, 1998.

⁹ Eve Kosofsky SEDGWICK, 1985.

¹⁰ Sedgwick explicita como as tensões originadas pelas relações entre homens fizeram emergir a homofobia. Segundo ela, a ordem sexual burguesa se assenta em uma associação entre homossexualidade, homofobia e dominação das mulheres.

RICHARD MISKOLCI

¹¹ Segundo Michel FOUCAULT (2005, p. 100), "A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder".

¹² FOUCAULT, 2005, p. 99-100.

¹³ Helen CALDWELL, 1960.

¹⁴ Kátia MURICY (1988) considera que os romances da segunda fase de Machado de Assis revelam uma nova perspectiva com relação à família, a qual já é encarada em seu molde burguês e urbano. Acrescentaria que o tema da ascensão social feminina na rígida estrutura de classes da sociedade escravista do Império ganha outra dimensão em *Dom Casmurro*. Em vez do tema ser mera atualização ou resgate do mote que marca a primeira frase da obra machadiana, nessa história, a problemática da ascensão social de uma mulher adquire novos contornos. O contexto em que foi redigido o romance (1896-1899) já se insere na emergência de uma forma de compreensão da sexualidade e das relações de gênero.

Ocidente a partir do século XVIII.¹¹ Esse dispositivo se baseou na inserção do sexo em sistemas de utilidade e regulação social, os quais tinham quatro frentes principais: a saturação do corpo feminino pela sexualidade devido à sua importância reprodutiva; a psiquiatrização do "prazer perverso" de forma a impor padrões normativos para os comportamentos; a pedagogização do sexo da criança; e a socialização das condutas de procriação. As duas últimas frentes são importantes para o controle da reprodução social dentro da ordem burguesa centrada no casal monogâmico normalizado.¹²

Em *Dom Casmurro*, encontramos em ação os micro-dispositivos apontados por Foucault, todos devidamente inseridos no contexto brasileiro e nos dilemas particulares que as relações de poder em uma sociedade pós-colonial e escravista impunham a essa nova gramática das relações sociais, amorosas e sexuais. A despeito disso, o romance foi lido como apenas uma história de traição por mais de meio século até que a professora norte-americana Helen Caldwell publicou *The Brazilian Othello of Machado de Assis*,¹³ livro em que apontou o intuito crítico de Machado com relação ao narrador e à sua sociedade. Segundo Caldwell, Bento Santiago seria um ser corroído pelos ciúmes que tenta provar para si e para nós, leitores, que foi traído por aqueles em quem mais confiara. Sua parcialidade de narrador impede-nos de ter acesso à história como teria se dado na perspectiva dos outros envolvidos, de forma que somos enredados por seu relato, suas conjecturas e seus julgamentos.

A leitura arguta de Caldwell contribuiu para que fosse possível reler a obra de Machado sob uma nova ótica e finalmente reconhecê-lo como crítico (velado) da elite brasileira de seu tempo. Desde então, percebemos que os romances machadianos ainda trazem enigmas a serem desvelados. No caso de *Dom Casmurro*, a maioria dos estudos mantém o foco no casal Bento e Capitu, ignorando que essa história de amor ou de traição não é a de um casal, mas de um trio. O romance retrata um triângulo amoroso e uma análise que, se desviar de qualquer dos possíveis vértices, condenar-se-á à parcialidade.

No início, o enredo da obra parece ser o de um namoro proibido que termina em um casamento feliz e na formação de uma família nos moldes burgueses. A surpresa que nos reserva o autor é a da quebra da harmonia, com a revelação de que, por trás do casal, residia um triângulo amoroso. Assim, a felicidade do casal mascarava tensões típicas do quadro de mudança social em que a história se insere e o drama privado e aparentemente intimista de *Dom Casmurro* revela-se mais representativo do contexto social brasileiro de fins do XIX do que pareceria à primeira vista.¹⁴

Heteronormatividade à brasileira

Durante a segunda metade do século XIX, a sociedade brasileira passou por transformações nas relações de gênero e sexualidade. Inspirados em Michel Foucault, alguns exploraram essas mudanças, como a substituição da família patriarcal pela burguesa, de forma a mostrar como houve uma crescente interferência do discurso médico, que buscou reduzir o poder do velho *pater famílias* e sublinhar o papel da mãe como responsável pela prole e pelos cuidados privados da unidade doméstica. Não se tratava de incentivar a emancipação feminina, antes de reduzir o poder do patriarca ao mesmo tempo que se estabelecia, em outros termos, a submissão da mulher e dos filhos a uma estrutura familiar diversa da que prevalecera desde a colonização. Nessa perspectiva, concluiu-se que nossa sociedade teria passado por um processo de aburguesamento consolidado na família nuclear monogâmica.¹⁵

Na perspectiva da história social, houve uma avaliação de que as transformações da sociedade brasileira no período entre o fim do Império e a consolidação da República teriam particularidades muito distintivas com relação ao que se passou na sociedade europeia. Aqui não teríamos vivenciado um processo de aburguesamento, antes constituído uma sociedade com heranças vivas do período colonial e do Império. A solidez historiográfica e o meritório enfoque na história das classes populares infelizmente não foram acompanhados da atenção às questões de gênero e sexualidade.¹⁶

A proposta deste artigo é – de certa maneira – sintética, já que, em vez de explorar uma nova ordem familiar ou focar nas classes populares, buscará problematizar a nova ordem da sexualidade e das relações de gênero que emergiu em fins do século XIX no Brasil. Guardando alguma similaridade com a primeira vertente, devido à inspiração foucaultiana, nossa perspectiva se aproxima da segunda ao dar maior atenção às especificidades históricas brasileiras. O que singulariza nossa abordagem é o objetivo de inserir a família dentro de uma ordem social mais ampla de forma a empreender – mesmo que de forma preliminar – uma análise sociológica e histórica fora do marco heteronormativo. É justamente essa perspectiva – crítica em relação aos saberes oficiais da ciência e dos demais discursos hegemônicos do período – que elege o romance de Machado de Assis como fonte privilegiada de pesquisa.

Após essa breve digressão teórica, voltemos à análise. *Dom Casmurro* começa com o pai de Bentinho morto e sua família vivendo no meio urbano do Rio de Janeiro. O rapaz, filho da viúva Dona Glória, é um prometido ao sacer-

¹⁵ Nesta vertente, inserem-se marcos importantes como as obras de Jurandir Freire COSTA (1979), Jurandir Freire COSTA et al. (1978) e Kátia MURICY (1988).

¹⁶ Nesta vertente, destacam-se, entre outros, Sidney CHALHOUB (1999) e Gabriela dos Reis SAMPAIO (2001).

dócio, sem vocação para a religião. Incapaz de reverter a promessa materna por conta própria, sua libertação do sacerdócio dar-se-á por uma justificativa amorosa (o amor por Capitu) e, sobretudo, pela perspicaz ideia de seu colega de seminário, Escobar. Jovem com talento para os negócios e também sem vocação religiosa, Escobar propõe a Dona Glória que patrocine um rapaz pobre para que siga a vocação religiosa no lugar de seu filho. O arranjo, revelador da proeminência do poder econômico nas questões religiosas, liberta Bentinho dos votos maternos e o libera para o casamento.

Debruçado sobre o enigma por trás da transformação do supostamente ingênuo Bentinho no amargo Casmurro, Roberto Schwarz afirma que o ponto de mutação se encontra justamente no casamento com Capitu. O ápice do amor do casal termina por se revelar a ascensão de Bentinho à posição de herdeiro, proprietário e, portanto, seu estabelecimento no topo da hierarquia social e econômica.¹⁷ Ainda que esse aspecto seja importante, o episódio que transmuta Bento não é o casamento, antes a morte de seu amigo. O afogamento de Escobar desnorteia o bacharel, enche-o de suspeitas sobre Capitu e vira sua vida pelo avesso.¹⁸

O pânico com relação à possível traição não se reduz ao ciúme pela esposa, pois não há limite seguro entre desejar o que alguém tem (Capitu) sem desejar esse alguém (Escobar). Aí a chave da paranoíta de Bento Santiago, que não se dissocia da incerteza sobre a natureza de seus laços com Escobar. Em nossa sociedade, frequentemente a relação homossocial masculina é aceitável como normal desde que mediada por uma mulher, mas, com a morte de Escobar, essa mediação passa a assombrar Bento. Por quê? Talvez porque o ciúme não seja dirigido a Capitu por tê-lo traído, antes porque a traição teria sido com seu amigo secretamente desejado.

Cabe aqui uma reflexão sobre essas relações entre homens em que as mulheres estão presentes como mediadoras de forma a fundamentar a heterossexualidade por meio de uma parceria masculina no domínio das mulheres. Até mesmo a mudança de posição na relação com outro homem ainda o preserva do lado masculino do poder, de forma que a mulher se revela um meio para uma relação em que o verdadeiro parceiro é um homem. Esse tipo de relação entre homens mediada por uma mulher dá um tipo particular de poder a eles, pois permite que – conjuntamente e em simetria com a ordem social – subordinem uma mulher (e analogamente todas as outras). Dessa forma, adquirem masculinidade contra o feminino encarnado e projetado apenas em mulheres, em suma, representado socialmente naquela que medeia sua relação fundada em um desejo homossocial masculino.

¹⁷ Roberto SCHWARZ, 1997.

¹⁸ O título do curto capítulo que traz a notícia da morte de Escobar não poderia ser mais explícito: "A catástrofe". O capítulo ainda faz referência ao ano de 1871, no qual ascende ao poder o Gabinete que declararia a Lei do Ventre Livre, o marco a partir do qual ruiria, progressivamente, o Império. No capítulo seguinte, durante o velório, o narrador torna explícita a data: "Um ou outro discutia o recente gabinete Rio Branco; estávamos em março de 1871. Nunca me esqueceu o mês nem o ano" (ASSIS, 1992, p. 205).

O VÉRTICE DO TRIÂNGULO

Utilizo o conceito de desejo homossocial masculino como sendo a “liga” das relações entre homens baseadas na camaradagem. Como afirmou Eve Kosofsky Sedgwick em *Between Men*:

em qualquer sociedade dominada por homens, há uma relação especial entre o desejo homossocial masculino (incluindo o homossexual) e as estruturas para manter e transmitir o poder patriarcal: uma relação fundada em uma congruência estrutural inerente e potencialmente ativa. Por razões históricas, esta relação especial pode tomar a forma de homofobia ideológica, homossexualidade ideológica ou uma combinação altamente conflituosa das duas, mas intensivamente estruturada.¹⁹

¹⁹ SEDGWICK, 1985, p. 25.

²⁰ FOUCAULT, 2004; e Francisco ORTEGA, 1999.

²¹ Foucault (2004, p. 273-274) observou em uma de suas entrevistas que “a homossexualidade torna-se um problema a partir do século XIX. Vemos ela tornar-se um problema com a polícia, com o sistema jurídico. Penso que se ela tornou-se um problema, um problema social, nessa época, é porque a amizade desapareceu. Enquanto a amizade representou algo de importante, enquanto ela era socialmente aceita, não era importante que os homens mantivessem entre eles relações sexuais. Não se pode simplesmente dizer que eles não as tinham, mas que elas não tinham importância. [...] Que eles fizessem amor ou que eles se abraçassem não tinha a menor importância”.

²² Sobre a questão, consulte Pierre BOURDIEU (1999), Michael KIMMEL (1998), Pedro Paulo de OLIVEIRA (2004) e Daniel WELZER-LANG (2001).

É essa combinação conflituosa que marca as relações de gênero e a própria forma que toma a sexualidade na sociedade burguesa europeia. Assim, aproximamo-nos da compreensão da razão pela qual, em fins do século XIX, as relações entre homens sofreram uma grande mudança,²⁰ passando a ser socialmente mais controladas, de forma a levar a uma diminuição da intimidade entre eles e a uma reestruturação da amizade como periférica à relação com a mulher dentro da família nuclear.²¹ Esse novo contexto fez emergir o temor social com relação à proximidade entre homens, até mesmo porque não há estabilidade garantida em uma relação com uma mulher em uma sociedade em que ela é uma moeda de troca entre eles.

No contexto em que as relações entre homens passam a ser problematizadas socialmente, emerge o que podemos denominar como homofobia ou heterossexismo, ou seja, não apenas o ódio àqueles que se relacionam com outros do mesmo sexo, antes um complexo mecanismo social de controle das relações entre homens para que elas mantivessem sua função de parceria na dominação masculina das mulheres e não caíssem no “perigoso” desejo amoroso por um parceiro do mesmo sexo. Esse mecanismo revela-se, assim, um componente essencial na manutenção de toda uma ordem de poder calcada no domínio das mulheres, no casamento e na manutenção da frágil união monogâmica que forma o núcleo da família reprodutiva.²²

A combinação entre homofobia e domínio das mulheres define o que teóricos queer denominam de heterossexualidade compulsória, o que revela tanto o caráter social e histórico da heterossexualidade quanto sua relação necessária com a supostamente “oposta” homossexualidade. A historiadora feminista Joan W. Scott explica que:

Não apenas a homossexualidade define a heterossexualidade especificando seus limites negativos, e não

apenas a fronteira entre ambas é mutável, mas ambas operam dentro das estruturas da mesma ‘economia fálica’ – uma economia cujos fundamentos não são levados em consideração pelos estudos que procuram apenas tornar a experiência homossexual visível. [...] Teorizado desta forma, homossexualidade e heterossexualidade trabalham de acordo com a mesma economia, suas instituições sociais espelhando uma à outra. [...] Na medida em que esse sistema constrói sujeitos de desejo (legítimos ou não), simultaneamente estabelece-os, e a si mesmos, como dados e fora do tempo, do modo como as coisas funcionam, com o modo que inevitavelmente são.²³

²³ SCOTT, 1998, p. 303-304.

²⁴ Sobre fontes históricas a respeito desse período de transformações, ver James N. GREEN (2000), James GREEN e Ronald POLITO (2004) e John GLEDSON (2006).

²⁵ Steven SEIDMAN, 1996, p. 12-13.

²⁶ Michael Warner criou o conceito de heteronormatividade em 1991 e a definiu mais recentemente com Laurent Berlant como o conjunto de normas prescritas, mesmo que não explicitadas, que marcam toda a ordem social, e não apenas no que concerne à escolha de parceiro amoroso. Alude, também, ao conjunto de instituições, estruturas de compreensão e orientação prática que se apoiam na heterossexualidade (BERLANT e WARNER, 2002).

²⁷ ASSIS, 1992, p. 201.

Estudos históricos recentes permitem afirmar que a sociedade brasileira de fins do XIX é marcada por uma nova ordem da sexualidade, similar à descrita por Scott.²⁴ Investigações nesse sentido podem esclarecer aquilo a que se refere o sociólogo norte-americano Steven Seidman como a contribuição da Teoria Queer às Ciências Sociais, ou seja, o convite ao “estudo daqueles conhecimentos e daquelas práticas que organizam a ‘sociedade’ como um todo, sexualizando – heterossexualizando ou homossexualizando – corpos, desejos, atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais”.²⁵ Assim, a perspectiva analítica queer coloca em evidência a forma como a emergência do dispositivo de sexualidade apontou para a constituição da heteronormatividade, ou seja, a instituição das relações amorosas e sexuais entre pessoas do sexo oposto como a própria ordem natural do sexo.²⁶

Vários romances brasileiros do período histórico sob análise fornecem um arquivo rico para compreender a formação desses novos sujeitos do desejo divididos entre aceitáveis e desviados. No caso de *Dom Casmurro*, esse processo histórico de cisão dos sujeitos do desejo em aceitáveis ou não é visível na relação entre Bentinho e Escobar, desde a adolescência vivida no seminário até a vida de casados.

No ponto de viragem do enredo, Escobar chega a planejar uma viagem conjunta à Europa, o que provoca em Bento pensamentos eróticos sobre uma possível troca de casais. Logo em seguida à conversa, o amigo lhe diz que vai entrar no mar bravio na manhã seguinte e se gaba do fôlego e da força de seus braços. Por fim, pede ao outro que os apalpe, e, assim, Bento descreve o que se passou:

Apertei-lhe os braços como se fossem os de Sancha [a esposa de Escobar]. Custa-me esta confissão, mas não posso suprimi-la; era jarretar a verdade. Nem só os apalpei com essa idéia, mas ainda senti outra cousa: achei-os mais grossos e fortes que os meus, e tive-lhes inveja; acresce que sabiam nadar.²⁷

O VÉRTICE DO TRIÂNGULO

No dia seguinte, chega a notícia do afogamento de Escobar. O golpe em Bento é avassalador. No velório passa a desconfiar de Capitu, imagina a traição e isso, somado à perda, causa-lhe um pranto descontrolado que o torna incapaz de proferir o discurso no sepultamento do amigo. Ele sai pelas ruas, sem destino, e é, então, nesse ponto do romance que emerge a paranoíta que transformará Bento no narrador Casmurro.

Bento revela-se incerto sobre a fidelidade da esposa e sobre a paternidade do filho ao qual deu o nome de seu maior amigo, incertezas que colocam em xeque sua posição na relação amorosa, na família que construirá e até mesmo na sociedade. Bento torna-se paranoico, e, em termos sociológicos, sua paranoíta é compreensível não como mero mecanismo psíquico diante de sua situação fragilizada. A paranoíta do protagonista é a expressão internalizada de forças sociais claramente enunciáveis: as pressões que moldam sua identidade social aceitável, mas que, após a morte do amigo, não consegue mais incorporar sem conflitos. A paranoíta torna Bento um veículo de expressão das violências que marcam as assimetrias de classe e gênero de sua época, as quais se voltam contra Capitu, mas também contra si mesmo, na forma de homofobia.

Compreendo aqui a homofobia e o heterossexismo como ferramentas de controle social sobre o espectro das relações homossociais e o foco nela como um meio para explorar a constituição social dos gêneros e da sexualidade em oposição a uma abordagem psicologizante que facilmente recai na retórica de uma orientação sexual minoritária.²⁸ A proposta é esboçar, no contexto brasileiro, uma sociologia dos mecanismos de proibição e controle que constituíram historicamente a heterossexualidade em uma relação oposicional e necessária em relação à homossexualidade. Vale recordar que o enredo de *Dom Casmurro* se passa no período de invenção desses termos e da patologização e criminalização da homossexualidade nos países centrais.²⁹

Na época em que foi escrito o romance (1896-1899), a reprodução das identidades de gênero, segundo um modelo higienista, tinha se tornado importante para a nova ordem social que se consolidou na Primeira República. Bento torna-se Casmurro ao reiterar as opressões de classe e gênero que moldavam a sociedade brasileira de sua época. Nesse sentido, sua paranoíta une a desconfiança da traição da mulher com o temor da natureza do desejo pelo amigo.

Capitu passa a ser vista como a arrivista traidora que tomou dele até mesmo a virilidade por causa da dúvida sobre a paternidade de Ezequiel. Ela encarna seu fracasso e ameaça seu poder. Escobar torna-se o espectro que coloca em xeque sua masculinidade nas feições do próprio filho, e,

²⁸ Ainda que o mecanismo social de regulação das relações seja o heterossexismo (a imposição das relações com pessoas do sexo oposto como norma), no que toca à rejeição subjetiva à possibilidade de se relacionar com alguém do mesmo sexo, privilégio o termo "homofobia" por se ajustar melhor ao conceito de paranoíta empregado neste artigo.

²⁹ O primeiro registro histórico do uso do termo "homossexual" data de 1869 e se deu na carta de protesto de Karl Maria Kerbeny contra a criminalização das relações entre homens (Joseph BRISTOW, 1997; e Annamarie JAGOSE, 1996). Segundo FOUCAULT, 2005, em 1870 o termo entra para a psiquiatria no texto *As sensações sexuais contrárias*, de Westphal, um psiquiatra alemão.

diante desse fantasma, Bento chega a cogitar o suicídio por envenenamento. Na época, essa modalidade de atentado contra a própria vida era mais associada às mulheres, enquanto os homens preferiam o enforcamento ou um tiro. Assim, o maior ato de desespero do protagonista – não levado a cabo – demonstra como a paranoíaca o feminizava.

Em termos de relações de poder indissociáveis das de gênero, a vida de Bento foi marcada pela experiência de ser um filho de viúva, ou seja, controlado por uma mulher que até mesmo o prometera à vida religiosa. O futuro eclesiástico era como uma castração, e foram duas figuras masculinas que o ajudaram a se libertar dela: o agregado José Dias e, sobretudo, Escobar. Dias auxiliou ao tornar visível e aceitável seu amor pela vizinha Capitu, o que inviabilizaria sua vocação, enquanto Escobar teve a ideia que pôs fim ao dilema de sua mãe: substituir Bentinho por um rapaz pobre que seguiria a vida religiosa em seu lugar. Mais adiante no romance, a possível traição de Capitu tira dele o poder patriarcal e coloca em dúvida sua paternidade. Dessa forma, em sua vida, apenas homens legitimaram-no, enquanto as mulheres ameaçaram seu poder (masculino).

A paranoíaca de Casmurro, incerto sobre seu poder e sobre sua masculinidade, é o fio condutor da narrativa em que Capitu concentra as atenções por ser, aparentemente, o meio que permitiu superar seu futuro eclesiástico para a ascensão como marido, herdeiro, proprietário e pai. No entanto, Capitu é apenas um dos vértices do triângulo amoroso em que Escobar desempenha um papel não menos importante. Afinal, é ele que torna possível a liberação de Bentinho para uma vida agnóstica e é sua morte que precipita o amigo na desconfiança da esposa, cujos olhos de ressaca se confundem com o mar bravio no qual perdeu a vida. Sem Escobar, Bento não pode mais prosseguir confiante em seu papel de marido e pai de família.

Machado de Assis apresenta cuidadosamente a importância do elo entre Bentinho e Escobar.³⁰ Ainda que seja arriscado inferir desejos claramente homoeróticos, não é exagero convidar a refletir sobre como tal relação se dava na tênue linha do espectro homossocial em que a relação entre homens é a forma privilegiada de socialização masculina e partilha do poder sobre as mulheres.

Os laços homossociais caracterizam-se, de forma diversa, segundo as classes sociais, e, nas classes altas, as amizades escolares criavam relações emocionais profundas. Além da experiência de Bentinho e Escobar, há outro exemplo no contexto brasileiro de fins do século XIX, o retratado em *O Ateneu* (1888),³¹ romance de Raul Pompéia admirado por Machado. Nele, a vivência no colégio interno propicia uma relação com claros contornos homoeróticos entre adolescen-

³⁰ Da irônica frase “Os padres gostavam de mim, os rapazes também, e Escobar mais que os rapazes e os padres” (ASSIS, 1992, p. 122) ou da declaração no seminário: “— Escobar, você é meu amigo, eu sou seu amigo também; aqui no seminário você é a pessoa que mais me tem entrado no coração, e lá fora, a não ser a gente da família, não tenho propriamente um amigo. — Se eu disser a mesma coisa, reforçaria ele sorrindo, perde a graça; parece que estou repetindo. Mas a verdade é que não tenho aqui relações com ninguém, você é o primeiro e creio que já notaram; mas eu não me importo com isso. Comovido, senti que a voz se me precipitava da garganta” (p. 139) ao que segue a revelação conjunta, segredo por segredo como no título do capítulo, de que não querem seguir a carreira eclesiástica. Em uma visita, descreve como Escobar manteve sua mão entre as deles por cinco minutos, “como se me não visse desde longos meses” (p. 158). Muitas são as cenas e evidências da centralidade dessa relação na vida de Bentinho, de sua libertação da promessa da mãe, do casamento com Capitu e de sua morte.

³¹ Raul POMPÉIA, 1983.

³² SEDGWICK, 1985, p. 176.

³³ Adolfo CAMINHA, 2009.

³⁴ Um tratado apresentado à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1872 é o primeiro registro conhecido sobre a forma como eram concebidas no Brasil as relações entre homens. A tese de Francisco Ferraz de Macedo as associa à prostituição e corrupção de menores em internatos e colégios (GREEN e POLITO, 2004).³⁵ Foucault, em seu curso *Os anormais* (1975), apresenta e discute a forma distinta segundo a qual os saberes compreendiam a sexualidade das classes altas e das classes populares. A sexualidade das primeiras era vista como medicalizável, enquanto a das últimas era compreendida como caso de controle jurídico e policial (FOUCAULT, 2001, p. 335-370). Vale ressaltar que, no Brasil, somava-se à dicotomia de classes a divisão racial de nossa sociedade de forma que negros e mulatos eram sexualizados. O homem negro é associado a um perigo que ameaçaria mulheres e rapazes brancos, e a mulher negra ou mulata, com a sedução e o desencaminhamento de homens brancos (Richard MISKOLCI e Sheila Abadia Rocha CARVALHO, 2006b).

tes, o que corrobora quão usual eram tais ocorrências, as quais muitas vezes eram sexualmente consumadas. No mesmo período, na Europa, a homossexualidade era compreendida pela burguesia como algo passageiro, a manifestação de um erotismo que se “corrigiria” na vida adulta.³²

Cada sociedade define o que é sexual ou não, assim como avalia a aceitabilidade ou rejeição de certas relações a partir de critérios próprios à sua estrutura de poder. No Brasil, quase ao mesmo tempo que as relações entre rapazes aparecem nas classes altas como uma fase em direção à vida adulta (associada com a heterossexualidade), outro modelo de compreensão serviu de exemplo para Adolfo Caminha³³ em seu polêmico *Bom-Crioulo* (1895), romance em que a relação entre um marinheiro negro e um branco é apresentada segundo as recentes teorias que viam nela a expressão de uma mente doentia e criminosa.³⁴ Portanto, se entre os burgueses a homossexualidade não era aceitável, mas era vista como uma fase, entre as classes populares ela era vista como a prova da degeneração racial.³⁵

Se levarmos às últimas consequências a triangulação amorosa de *Dom Casmurro*, encontraremos não apenas a centralidade da relação Bento-Escobar, mas, sobretudo, o fato de que o vértice do triângulo, o ponto mais distante da base, também é o mais revelador. Assim, é ele que nos aponta para o/a outro/a não apenas na relação amorosa, mas também nas relações de poder expressas aí onde menos aparecem. Capitu ou Bento, mais do que meras personagens, podem ser encaradas como simulacros do outro que se cria na nova ordem social, que emergia com o fim do Império.

O vértice do triângulo: os espectros da sociedade brasileira do *fin-de-siècle*

O triângulo amoroso revela três vértices em relação a Casmurro. Bento envelhecido e desconfiado torna-se a encarnação da ordem social em que as relações de poder, portanto entre as classes e os gêneros, são defendidas como em um tribunal. Os vértices são Capitu, suspeita de traição e arrivismo, Escobar, seu “rival”, e, por último, mas não por menos, Bento jovem, aquele que se deixou levar em uma relação (eroticamente) ambígua com o amigo Escobar.

Capitu até hoje é discutida como uma personagem misteriosa, o que a torna exótica, estranha, a quem é confiada a condição de Outra em relação a Bento, mas também em relação à sociedade e à época na qual se insere. A identidade hegemônica se posiciona e expressa seus contornos por meio da criação de outros, aos quais atribui uma identidade deteriorada ou um estereótipo. Na virada do século XIX para o XX, a mulher foi apresentada como uma

³⁶ Dentre as principais figuras da *femme fatale* na época destacam-se: a Nana, de Zola; a Salomé, de Wilde; e a Lulu, de Wedekind (Sander GILMAN, 2005). Sobre o caso da mulher na cultura do período, particularmente a partir de Salomé, ver Elaine SHOWALTER (1993, p. 171-221). Não apenas nas artes, mas também na ciência a imagem da mulher perigosa ganhou centralidade nos estudos psiquiátricos e de criminologia, como comprova o célebre livro de Cesare Lombroso *La donna delinquente: la prostituta e la donna normale*. Para um estudo de como essas ideias influenciaram a construção histórica da imagem da mulher brasileira, consulte MISKOLCI (2003b) e MISKOLCI e CARVALHO (2006b).

³⁷ Sobre pânicos morais, consulte Erich GOODE e Nachman BEN-YEHUDA (2003), Richard MISKOLCI (2007) e Kenneth THOMPSON (1998).

³⁸ SHOWALTER, 1993.

figura da desordem e sua marginalidade social a colocou na fronteira entre a ordem masculina e o que se considerava o caos: uma zona fora da cultura patriarcal. Daí a centralidade da figura da *femme fatale* nas artes do período.³⁶

O mistério de Capitu mitologiza sua condição feminina de forma a mascarar o que há de propriamente social em sua história de ascensão e submissão ao domínio de Casmurro. Muitos já mostraram que o narrador busca provar seu adultério de forma também a comprovar a incompatibilidade entre a classe de origem dela e aquela a que chegou pelo casamento. Algo ainda permanece intocado: o fato de que a acusação não é propriamente de “golpe do baú”, antes a de traição de sua fé em seu amor e lealdade nos padrões burgueses ascendentes.

Tomemos como mote a famosa descrição dos olhos de ressaca, a qual une o erotismo ao perigo do mar no qual realmente se afoga Escobar. A sedução é um discurso de classe em que a “fraqueza” masculina é justificada pelos poderes supostamente irrationais ou pelos interesses econômicos travestidos de amorosos de uma mulher. Capitu é apresentada como unindo ambos, e sua inteligência se mescla na acusação de um desejo de emancipação que seu nome, Capitolina, mescla à República, que permanecia um ideal na época em que se passa o romance, mas uma realidade no período em que foi escrito.

Elaine Showalter caracteriza o final do século XIX como um período marcado pela anarquia sexual e aponta as figuras da temida desordem dos gêneros: a nova mulher e o homossexual. O pânico moral em evidência era o de que a sexualidade não seria mais contida nas identidades e hierarquias de gênero.³⁷ As novas identidades eram vistas como ameaças ao casamento, à família burguesa e, principalmente, às fronteiras entre os sexos e suas posições hierarquizadas que demarcavam toda uma ordem social, econômica e simbólica.³⁸

Na literatura europeia, isso se expressa em uma mudança no público a que se dirigem os romances. Desde a década de 1880, as famílias deixam de ser a audiência esperada e ascende o leitor solitário como o comprador em potencial das obras. Se, como afirma Nancy Armstrong, a história do romance não pode ser separada da história da sexualidade, então a ascensão do leitor solitário revela sua conexão com a centralidade do gênero e da sexualidade nos enredos de fins do XIX. No Brasil, um país com larga maioria de iletrados, a consciência de que o público leitor era íntimo se tornou geral a partir de 1876, quando da divulgação dos resultados do primeiro Censo, o que influenciou diretamente Machado na forma de composição de seus romances. Após a constatação de que seu público era

³⁹ Segundo Hélio de Seixas GUIMARÃES (2004, p. 177), na segunda fase de Machado, “O foco de tensão [dos romances] desloca-se do nível do enredo para o embate do narrador com o leitor, que deixa de ser tratado como objeto de conversão para tornar-se alvo de diversão e alvo da ironia e do sarcasmo do narrador”. Percebe-se como se impõe como necessária a forma irônica para que Machado pudesse – ao mesmo tempo – “enganar” e atrair o leitor para suas histórias ácidas sobre a sociedade e os valores que marcavam o meio em que vivia esse mesmo leitor. Machado utilizava-se da ironia, pois, como Thomas Mann, no contexto europeu da mesma época, vivia na condição de crítico velado e, portanto, obrigado a dizer o que pensava apenas de forma indireta (sobre esse expediente em Mann, consulte MISKOLCI (2003a)).

⁴⁰ Halperin explora como a invenção da homossexualidade em fins do XIX fez com que identidades e experiências sexuais diversas fossem reduzidas em uma única categoria. Em um processo que a criou no eixo crime–patologia, formas muito diversas de relações entre pessoas do mesmo sexo e maneiras heterodoxas de manipular os gêneros foram sintetizadas sob uma mesma identidade socialmente perseguida. Assim, a homossexualidade foi criada como sendo, ao mesmo tempo, uma condição psicológica, um desejo erótico e uma prática sexual, portanto, a unificação de três coisas completamente diferentes. A originalidade do conceito estava na recusa de distinguir os parceiros do mesmo sexo que se engajam em relações性 ou classificá-los de forma a tratar um como mais (ou menos) homossexual do que o outro. Sobre a questão, consulte HALPERIN (2002).

ínfimo, o narrador dos romances se torna mais abusado e provocador.³⁹

No exterior, e em menor proporção no Brasil, uma virada psicológica marcou as criações do *fin-de-siècle* e as preencheu com histórias de personalidade dupla. O fim de uma concepção de um ego linear e estável é visível até no romance em foco, haja vista a divisão em Bentinho na juventude e em Casmurro na maturidade ou ainda nas duas Capitu. Qualquer que seja a metáfora, a transformação de Bentinho em Casmurro é clara e justificada (ainda que questionável em sua veracidade argumentativa de narrador parcial e interessado). O caso de Capitu é mais incerto. Cigana oblíqua e dissimulada ou jovem de olhos de ressaca, por fim, Casmurro afirma que a adulta estava na jovem feito fruto dentro da casca.

A relação de Bento com Escobar é um contraponto mais complexo e ambíguo do que faria pensar a doxa científica emergente – na mesma época – sobre as relações entre homens, que seriam descritas e classificadas no modelo generalizante e patologizado da homossexualidade.⁴⁰ A relação entre os amigos nos faz questionar, também, a forma usual de compreender um triângulo amoroso, já que no romance de Machado fica patente a parcialidade do modelo “uma mulher para dois”, pois um verdadeiro triângulo também revela que há “um mesmo homem para ela e para ele”.

Bento deseja Escobar e é por ele desejado, mas a essa reciprocidade se somam rivalidades constituintes de hierarquias masculinas. Relembremos a cena em que Bento apalpa os braços de Escobar e descreve seu desejo. Bento precisa ser homem, então mimetiza o desejo de Escobar e afirma que tocou seus braços como se fossem os de Sancha (esposa do amigo). Em seguida, constata que os braços de Escobar eram mais fortes do que os seus, o que lhe causa “inveja”, leia-se, a sensação de ser “menos homem” do que o amigo.

Os amigos se desejam mutuamente, mas a essa relativa igualdade na relação homossocial entre Bento e Escobar soma-se o problema da desigualdade (ser mais ou menos homem), o que se provaria na capacidade de conquista da esposa do outro e, no limite, na paternidade do filho do outro. A mistura entre desejo e rivalidade marca a narrativa de Casmurro e expõe sua lógica calcada em uma ambiguidade tão reveladora quanto pouco explorada. A opacidade da relação entre os amigos é elusiva, pois um quadro teórico apropriado permite compreendê-la como discernível e enunciável. É de se indagar se a manutenção dela como “fato obscuro” não serve para justificar e manter o que o romance de Machado permite questionar: o “segredo” sob

⁴¹ Segundo SEDGWICK (2007, p. 30), "Ao final do século XIX, quando virou voz corrente, tão óbvio para a Rainha Vitória como para Freud, que conhecimento significava conhecimento sexual, e segredos, segredos sexuais, o efeito gradualmente reificante dessa recusa significou que se havia desenvolvido, de fato, uma sexualidade particular, distintivamente constituída como segredo [...]" . Em suma, havia se constituído a homossexualidade.

⁴² CHALHOUB, 2003; e SCHWARZ, 1997.

⁴³ SCHWARZ, 2000a e 2000b.

o qual se constituíram tais relações em nossa sociedade.⁴¹ Afinal, como já observou Foucault, o grau de eficiência de um dispositivo de poder é diretamente proporcional ao grau de seu desconhecimento.

A cena em que Bento apalpa os braços de Escobar é paradigmática. Trata-se de uma lembrança, reconstituída na perspectiva do velho Casmurro e cuja análise permite compreender o poder do que se desconhece. Vale a pena inverter a cronologia e ressaltar como Bento mimetiza o suposto desejo por Capitu que confere a Escobar por meio de seu desejo por Sancha ao tocar nos bíceps do amigo. Esse desejo por Sancha, que, caso o romance fornecesse elementos mais concretos, poderia tornar o triângulo um quarteto, se encaixa em uma lógica de substituição que se repete na vida de Benitinho: a substituição por um menino pobre para seguir a promessa da mãe, a substituição da casa de infância por uma "reprodução" na vida adulta até a substituição derradeira da vida religiosa que lhe havia sido imposta pela mãe pelo "celibato" autoimposto na velhice.

Esmiuçar o "segredo" da centralidade da relação Bento-Escobar (homossocial e homossexual) como força motriz da narrativa de *Dom Casmurro* permite coletar elementos para uma reflexão futura a respeito das novas relações sociais e sexuais que se configuravam no Brasil. Preliminarmente, só é possível constatar que o patriarcalismo não cedeu espaço na ordem que se instituiria na República. *Dom Casmurro* retrata justamente esse período de transição em que a ordem da dependência mantinha homens e mulheres livres sob controle pelo temor de serem tratados ou vistos na mesma condição dos escravos.⁴² A velha ordem escravocrata emerge nos delírios de Casmurro sobre sua esposa, amigo e filho. Acossado pelo fantasma da traição, ele exerce seu poder de forma brutal como se assim pudesse recuperar o que a morte de Escobar tomou dele: a confiança na posição de controle.

Se há um traço biográfico no romance machadiano, esse é perceptível na forma como o escritor torna central o destino dos dependentes.⁴³ Não transpõe seu caso particular de mulato dependente para suas histórias, mas o transmutou do aspecto racial para o de gênero. A lógica de dominação hegemônica ia além das relações de produção e tinha componentes raciais e de gênero que não podem ser considerados implícitos. A relação entre senhores e escravos se instituía e mantinha fundada em uma crença na superioridade branca, assim como a condição de dependência feminina se baseava em ideias sobre sua "natural" subordinação ao homem.

Os romances machadianos da primeira fase, assim como este de maturidade, focam no destino social de uma

O VÉRTICE DO TRIÂNGULO

⁴⁴ FAORO, 2001, p. 346.

mulher livre na ordem escravocrata. O componente racial, mais polêmico para seu público leitor, é substituído pelo gênero como marcador da diferença que relega as protagonistas ao limbo social no qual se encontravam também os mulatos e negros livres na ordem escravocrata. Como observa Raymundo Faoro,⁴⁴

Mais triste é a sorte das mulheres – para elas as opções e oportunidades são mais estritas, sem perspectivas. Se não lhes cai do céu a madrinha opulenta, nem as requesta o noivo rico, aguarda-as o casamento, na melhor das hipóteses, com o bacharel sem futuro, o funcionário sem recursos ou o empregado vexado com a ameaça do desemprego.

A inserção social incerta e, quando levada a cabo, mantida sob suspeição – e ameaçada de ser revogada por qualquer motivo – marca as dependentes que protagonizam boa parte dos romances de Machado. Daí a tese de que a categoria “raça” é substituída pela de gênero como estratégia artística para evidenciar, além do meramente econômico, outros veículos de dominação da ordem social brasileira do XIX. Expediente compreensível, já que, na literatura, afirma Pierre Bourdieu,⁴⁵ o biográfico se torna objetivação de si, autoanálise, ou melhor, socioanálise.

Esse argumento pode ajudar a responder à acusação de que Machado não enfrentou o problema da negritude e só romanceou histórias de homens brancos.⁴⁶ Dentro do campo artístico de fins do Império, a escolha de histórias de mulheres brancas (dependentes) na ordem escravocrata pode ser discutida como uma estratégia de aceitação em seu campo que se utilizava do desvio das visíveis relações econômicas de base (a escravidão), sem deixar de evidenciar a força central que lhes servia de substrato: o patriarcalismo. Vale lembrar que este unia em si, ao mesmo tempo, a dominação masculina e o racismo. Assim, o interesse que orienta Machado de Assis na luta dentro do campo romanesco se conecta à sua crítica à ordem social escravocrata.

Bourdieu observa que as regras de cada campo transcendem as consciências e vontades individuais. O campo coloca problemas que o agente (no caso, o autor Machado de Assis) buscou resolver de uma forma que envolveu sua posição e disposição.⁴⁷ A posição de Machado só pode ser compreendida em retrospecto, não como biografia, mas como trajetória intelectual. Ele conseguiu a duras penas conquistar o posto de grande escritor nacional e, na época inicial de redação do romance e da instituição da Academia Brasileira de Letras, ainda viu sua posição contestada por um dos intelectuais mais importantes da época, Silvio Romero. O mestre de Recife desqualificou sua obra em termos

⁴⁵ BOURDIEU, 2005.

⁴⁶ COSTA, 2007.

⁴⁷ BOURDIEU, 2005.

⁴⁸ Sobre esta confluência entre posição no campo literário e disposição individual, consulte MISKOLCI (2006a).

⁴⁹ Sobre a visão machadiana de que a Abolição, assim como a República, brotava do mesmo tronco oligárquico, ver sua crônica de 11 de maio de 1888, a qual é analisada em Daniel PIZA (2005).

⁵⁰ “Se a mulher pode ser eleitora, por que não poderemos levá-la à presidência? O nascimento dá a uma Catarina da Rússia e uma Isabel da Inglaterra. Por que não há de o sufrágio da nação escolher uma dama robusta capaz de governar?” (ASSIS apud PIZA, 2005, p. 283).

⁵¹ MURICY, 1988, p. 83.

cujo pseudocientificismo ecoava os argumentos racistas da velha ordem. Por sua vez, a disposição de Machado, ou seja, sua perspectiva diante do quadro social do *fin-de-siècle*, só pode ser reconstituída por meio de uma reflexão ponderada sobre sua origem social (mulato pobre, dependente e apadrinhado) somada às suas tomadas de posição em cada circunstância histórica.⁴⁸

Dom Casmurro é o primeiro romance de Machado no período republicano, e não é mero acaso o retorno ao enredo de suas primeiras ficções sobre as frustradas tentativas de ascensão social de mulheres livres, mas dependentes, na ordem patriarcal escravocrata. O caráter de transição, de um regime a outro, estrutura o romance e Bento mesmo já faz parte da crise da velha ordem, pois é um burguês que vive da advocacia. O ponto de viragem histórico dentro do romance, como já foi dito, é o da ascensão do Gabinete, que inicia reformas que poriam fim ao Império. A brutalidade de Casmurro é coerente com a visão de Machado de que a República representaria apenas a superação formal do regime anterior. As desigualdades e desfaçatezes de classe brasileiras estariam se transferindo pelas oligarquias para o jovem regime republicano.⁴⁹

O romance retrata um período de transformações nas relações de gênero e sexualidade na sociedade brasileira, o qual se associa às mudanças iniciadas no final do Império (1870-1889) e que se consolidariam no início da República. Antigas hierarquias e subalternizações metamorfoseavam-se de forma que, por exemplo, a hierarquização racial – após a escravidão – se manteve sob a forma de “racismo” e à mulher – agora vista como central na ordem familiar e nacional – atribuiu-se, apenas aparentemente de forma contraditória, um papel mais central e dominado.

Machado defendeu o direito da mulher ao voto e até mesmo à candidatura política em um artigo de jornal de 1895,⁵⁰ portanto, afinando-se com as questões que também marcavam a sociedade europeia e norte-americana do período. A chamada Nova Mulher era uma das figuras de contestação da velha ordem assim como um contraponto à nova ordem burguesa. Em *Dom Casmurro*, ao retomar o foco na mulher livre e dependente, Machado o faz, por fim, no registro da crítica de ambos os regimes, mas pelo triângulo erótico aponta para as fissuras presentes no novo como seu alvo privilegiado: “não é a família que se corrompe, são as relações que se dão em um quadro diverso – o dos novos valores da família burguesa urbana. Não é o amor calculista que se opõe ao amor puro e romântico. É o amor que se dá em um outro código social”.⁵¹

As novas identidades fascinavam Machado, como atesta o solteirão alçado a protagonista irônico em

Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881) e em *Memorial de Aires* (1908). No caso da mulher, não seria exagero atribuir a Capitu a condição não de mera atualização das antigas heroínas de sua fase romântica, antes a de uma figura de transição tal qual a de Bento ou mesmo Escobar, um hábil comerciante de café, portanto, sintonizado com a ordem econômica que serviria como base da República Velha.

Capitu representa a aspiração de ascensão social no novo regime, e, ainda que sua trajetória seja condenada pelo marido, é inegável que o grande perdedor é ele, a figura cujo poder sob ameaça o torna mais paranoico e brutal em suas tentativas de preservação. Se o romance é, como o qualificou Chalhoub,⁵² “uma alegoria da experiência da derrota de todo um projeto de dominação de classe”, alcança tal feito por uma via calcada não na exposição de um projeto de domínio econômico, antes das fraturas nos pilares morais de sua sociedade: o casamento e a família.

Assim, o triângulo amoroso encontra um de seus vértices em Capitu, mas também em outro, o próprio Bento antes da “descoberta” da traição. Afinal, o outro da sociedade brasileira de fins do XIX não é encarnado em apenas uma identidade social, mas pode ser conhecido como um mosaico dos temores hegemônicos, a criação fantasmagórica de um homem paranoico, Bento adulto, ou melhor, Casmurro, um homem perseguido pelas fraturas em sua própria identidade: o amor pela esposa perigosamente portadora de ideias próprias e, sobretudo, a relação com o amigo que lhe dava poder e confiança, mas que, arrancado pela morte, ameaça sua posição social de conformidade com os valores de sua época.

Dentro dessas novas premissas, o que há de novo e problemático na sociedade brasileira de fins do XIX pode ser apontado como a problematização das relações entre homens, e, ao contrário do que guiou a maioria das análises até hoje, a base do triângulo amoroso do romance está na relação Bento-Escobar. A crítica de Machado se revela na forma como este último, o comborço do protagonista,⁵³ surge como espectro a assombrar Casmurro e colocar em xeque sua adaptação aos modelos vigentes de relações amorosas e de amizade. Assombrado pelo fantasma do amigo e, por isso mesmo, pela perda do controle sobre a esposa, o protagonista reage de forma brutal contra Capitu e o filho. Seu relato é feito um verniz de civilidade burguesa a justificar a dominação masculina por meio de algo novo, encoberto, mas central, o heterossexismo e a homofobia como veículos da nova ordem sexual em ascensão.

⁵² CHALHOUB, 2003, p. 83.

⁵³ Bento mesmo se refere a Escobar como seu comborço. Na última vez, quando reencontra, já adulto, Ezequiel (seu filho com Capitu) assim o descreve: “Era o próprio, o exato, o verdadeiro Escobar. Era o meu comborço: era o filho de seu pai” (ASSIS, 1992, p. 230). De acordo com o dicionário MICHAELIS (2001), comborço é o indivíduo amasiado em relação a outro amante ou ao marido da mulher com quem se amancebou.

Referências bibliográficas

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1992.
- BERLANT, Laurent; WARNER, Michael. "Sexo em público". In: JIMÉNEZ, Rafael (Ed.). *Sexualidades transgressoras*. Barcelona: Içária, 2002. p. 229-257.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- _____. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- BRISTOW, Joseph. *Sexuality*. London: Routledge, 1997.
- CALDWELL, Helen. *O Otelo brasileiro de Machado de Assis*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- CAMINHA, Adolfo. *Bom crioulo*. São Paulo: Hedra, 2009.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: corticos e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- _____. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- COSTA, Emilia Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- COSTA, Jurandir Freire et al. *Danação da norma*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- _____. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. Rio de Janeiro: Globo, 2001.
- FOUCAULT, Michel. "Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade". *Verve – Revista do Sul*, São Paulo: Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, n. 5, p. 260-277, 2004.
- _____. *A vontade de saber – história da sexualidade 1*. São Paulo: Graal, 2005.
- _____. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FRY, Peter. "Léonie, Pombinha, Amaro e Aleixo: prostituição, homossexualidade e raça em dois romances naturalistas". In: _____. *Caminhos cruzados – linguagem, antropologia e ciências naturais*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 33-88.
- GILMAN, Sander. "O caso Nietzsche – ou o que torna perigosas filosofias perigosas". Tradução de Richard Miskolci. *Teoria & Pesquisa*, São Carlos: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, n. 47, p. 157-178, 2005. Dossiê Normalidade, Desvio, Diferenças.
- GLEDSOM, John. *Por um novo Machado de Assis*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- GOODE, Erich; BEN-YEHUDA, Nachman. *Moral Panics – The Social Construction of Deviance*. Malden: Blackwell Publishing, 2003.

O VÉRTICE DO TRIÂNGULO

- GREEN, James. *Além do Carnaval: homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- GREEN, James; POLITICO, Ronald. *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de leitura no século 19*. São Paulo: Nankin Editorial; Edusp, 2004.
- HALPERIN, David. *How to do the History of Homosexuality*. Chicago: University of Chicago Press, 2002.
- JAGOSE, Annamarie. *Queer Theory – An Introduction*. New York: New York University Press, 1996.
- KIMMEL, Michael. "A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia, n. 9, p. 103-118, 1998.
- MAYER, Augusto. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.
- MICHAELIS: Dicionário prático da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2001.
- MISKOLCI, Richard. *Thomas Mann, o artista mestiço*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2003a.
- _____. "Uma brasileira – a outra história de Julia Mann". *Cadernos Pagu*, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/UNICAMP, v. 20, p. 157-176, 2003b.
- _____. "Machado de Assis, o Outsider estabelecido". *Sociologias*, Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFRGS, n. 15, p. 352-377, 2006a.
- MISKOLCI, Richard; CARVALHO, Sheila Abadia Rocha. "A 'Tal' e a 'Qual': representações racializadas da mulher na literatura brasileira". In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 7, 2006b, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: IEG, 2006b. Disponível em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/M/Miskolci-Carvalho_13_B.pdf. Acesso em: 29 ago. 2009.
- _____. "Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay". *Cadernos Pagu*, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/UNICAMP, n. 28, p. 101-128, 2007.
- _____. "A Teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização". *Sociologias*, Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFRGS, n. 21, p. 150-182, 2009.
- MURICY, Kátia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

- ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- PEREIRA, Lucia Miguel. *Machado de Assis – estudo crítico e biográfico*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1936.
- PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005.
- POMPÉIA, Raul. *O Ateneu: crônica de saudades*. São Paulo: Moderna, 1983.
- RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- SAID, Edward. *Orientalism*. London: Routledge, 1978.
- SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.
- SCHWARZ, Roberto. *Duas meninas*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- _____. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000a.
- _____. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000b.
- SCOTT, Joan. "A invisibilidade da experiência". *Projeto História*, n. 16, p. 297-325, 1998.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Between Men – English Literature and Male Homosocial Desire*. New York: Columbia University Press, 1985.
- _____. "A epistemologia do armário". *Cadernos Pagu*, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/UNICAMP, v. 28, p. 19-54, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 ago. 2009.
- SEIDMAN, Steven. *Queer Theory/Sociology*. Cambridge-MA: Blackwell, 1996.
- SHOWALTER, Elaine. *Anarquia sexual*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- THOMPSON, Kenneth. *Moral Panics*. London: Routledge, 1998.
- WELZER-LANG, Daniel. "A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis: IEG, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

[Recebido em outubro de 2008
e aceito para publicação em fevereiro de 2009]

The Vertex of the Triangle: Dom Casmurro, Gender and Sexuality during Brazilian Fin-de-siècle

Abstract: Based on a Queer theoretical approach, this article explores transformations on gender and sexual relations in Brazilian society at the end of XIX century. This work associates a sociological analysis of the love triangle in the novel Dom Casmurro to a historical reconstitution of the period, as a way to give elements to a non-heteronormative comprehension of Brazilian social history. The focus on Machado de Assis's most famous work allows exploring the fear and the violent refusal of any transgression of the gender and sexual order. The triangle's vertex is always an Other and even if we identify s/he with a character, it is only the symbol of what that time and society rejected as a danger for the current structure of love and power relations.

Key Words: Dom Casmurro; Love Triangle; Compulsory Heterosexuality; Homophobia; Heteronormativity; Queer Theory.